

Naturezas Coletiváveis: Práxis Pedagógicas Geopoéticas para a Conservação d'um Nós

Leonardo Ramos Cruz^{1,7}, Pammella Casimiro de Souza^{2,6,7,8}, Camila Reis Tomaz^{3,6,7,8}, Maria Lucia Cunha Lopes de Oliveira^{4,6}, Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano^{5,6,7}

1 Mestre em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO) **2** Bacharel em Ciências Ambientais (UNIRIO) **3** Mestra em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO) **4** Professora da Educação Pública; Docente Pós-Graduação Lato-Sensu FEUFF; Pesquisadora NUPEC/UFF - Curriculistas (Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Currículo/UFF) **5** Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO). **6** Pesquisadoras do NUREG UFF (Núcleo de Estudos Resistência e Globalização/ GT Pesquisa e(m) Ação) **7** Coordenadoras do Grupo de Estudos Saberes de Fresta - GESF/UNIRIO **8** Pesquisadoras no Núcleo de Estudos Cultura Popular e Sociedade (NECPS/UFRJ)

Introdução

A Cartilha Naturezas Coletiváveis é um produto oriundo de dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação e Ecoturismo e Conservação (PPGEC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sendo voltada a fazeres pedagógicos alternativos (aos hegemônicos dicotômicos) para a Conservação da Natureza, considerando humanidade, elementos bióticos e abióticos e suas relações. Trata-se de uma coletânea de atividades pedagógicas planejadas e aplicadas na condução e na produção de conhecimento com crianças, estudantes do ensino formal e em espaços não formais de estudos. Isto é, a proposta se volta a educadores-educandos com olhar para um processo pedagógico coletivo em que ensinar e aprender são ações complementares e constituintes do verbo educar. As atividades selecionadas para compor este trabalho trazem à reflexão alguns temas diretos e indiretamente relacionados às Ciências da Natureza, para alocá-los em um campo do saber formal. Entretanto, além de convidar sensibilidades e processos próprios de entendimento e leitura de mundo, o material promove, ainda, o cruzamento entre saberes e provocações para novas (re)descobertas, lançando mão das diversas expressões artísticas às possibilidades de críticas sociais embasadas na Geografia e em outras áreas do conhecimento.

O incentivo nuclear da Cartilha converge para o contato com espaços naturais em reconhecimento associado ao entendimento da Natureza como unidade viva. Vem despertar relações de intimidade que partem do conhecimento do espaço físico, passam pelo reconhecimento de si enquanto “Ser Natureza e viver em integração” nela (MENÉNDEZ, 2018), para além de apenas pertencer, e deságua na Conservação da casa comum a todos, o ambiente coletivo e vivo que inspira cuidados urgentes.

Das águas nascentes até o Mar: pelas novas fontes de caminhos

Iniciando e fomentando hábitos de acesso e contato com a Natureza na infância e juventude, podem-se desenvolver habilidades inerentes e relevantes para visitas frequentes e a Conservação da Natureza em áreas ambientais locais, protegidas ou não, que estejam próximas aos estudantes, além de estimular as pretensões e interesses pelo Ecoturismo e em conhecer outros lugares, com outras áreas naturais e parques mais distantes.

As primeiras experiências de aplicação destas atividades ocorreram no âmbito do trabalho docente em uma instituição de ensino formal. Local onde as mesmas tiveram a sua gênese e aprimoramentos, a Escola se revela como um laboratório fecundo de ideias, soluções e anúncios. Nessa época, ainda sem aproximação acadêmica com os fundamentos teóricos da Geopoética, tanto os inicialmente propostos por Kenneth White (19-?) como aqueles criados por Ponciano (2018) e Santos (et al., 2019), essas atividades já versavam sobre a relação humanidade, elementos bióticos e abióticos e

Correspondente:

leonardoramoscruz@edu.unirio.br

Citação: Cruz LR, Souza PC, Tomaz CR, Oliveira MLCL, Ponciano LCMO (2021) Naturezas Coletiváveis: Práxis Pedagógicas Geopoéticas para a Conservação d'um Nós. *Ecoturismo & Conservação* 2(1) p. 75-116.

Recebido: 7 de setembro, 2021

Aceito: 14 outubro, 2021

Publicado: 27 dezembro, 2021

Copyright: © 2021 Cruz et al.

paisagens lidas naturais. Algumas das iniciativas descritas adiante se alinham com White (19-?) ao buscar provocar em cada educanda e educando reflexões sobre seu lugar enquanto organismo vivo no Planeta Terra e quais relações se estabelecem entre si, outros organismos e estruturas. Em progressão pedagógica (mas não por isso hierárquica quanto a importância dos saberes trabalhados), complementando a construção de novos conhecimentos a partir da costura entre leituras de si, do outro e do meio, as práxis pedagógicas propostas estão mais alinhadas com as percepções geopoéticas que propõem Ponciano (2018), Santos et al. (2019) e Reis e Ponciano (2020). As autoras, originárias de terras hoje cariocas, abordam de formas complementares a Geopoética proposta Bouvet (2012), que olha para memória e afeto nas (re)visitas a ambientes naturais percorridos e registrados, em campos sensíveis de observação, experimentação e reconhecimentos em outros corpos/corpus. Camila Reis e Luiza Ponciano (2020) trazem ainda a perspectiva política crítica do distanciamento nas relações entre humanidade, ambientes e elementos, perspectiva essa presente tanto na motivação para a criação deste material quanto nas propostas em si.

Nos fluxos dos rios, novos encontros pelas águas que crescem nos cruzos

Apresentam-se aqui algumas das vivências geopoéticas em prática docente, que originaram e forjaram os princípios dessa abordagem, onde as aulas foram sempre geradas a partir das possibilidades interdisciplinares, com um destino transdisciplinar. Entende-se com isso que, já sendo inerente ao fazer pedagógico como docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ministrar as cinco disciplinas (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências), por óbvio é preferível o distanciamento da fragmentação do conhecimento que desconecta as disciplinas em matérias independentes e, em vez disso, reconectá-las, reconhecendo-as como partes integrantes de todo um sistema de produção de conhecimento, leitura acerca do mundo ao redor e aprendizado mútuo, pois tal como está na canção Mistério do planeta, “pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto” (Novos Baianos, 1972).

Descompartimentando o eu docente do eu pesquisador, como Paulo Freire (1996) propõe em Pedagogia da Autonomia (entre outros escritos), todo educador inspirado em seus educandos e na arte de educar, será sempre pesquisador e retroalimentará as dimensões educação e pesquisa em si. Lança-se mão de linguagens que auxiliam a expressão dos diferentes saberes presentes em uma sala de aula, que apresentam a diversidade da natureza escolar, tais quais o desenho livre, a música através do violão e do canto coral, a poesia, as artes de sobremaneira.

Todos estes recursos, entremeados por um apontamento latente à Conservação do ambiente natural, presente tanto nas expressões artísticas quanto nos conteúdos gerados nas atividades propriamente ditas escolares (lidas formais), revelam uma educação que já se determina ambiental na sua essência. Verifica-se aí uma riqueza de material de trabalho pedagógico: as disciplinas com suas bagagens epistêmicas originais, as expressões artísticas a serviço do processo de ensino-aprendizagem, a Educação Ambiental conduzindo à constante reflexão acerca dos cuidados para com a Natureza e, neste caso e destes educandos, a partir dela.

As atividades podem ser utilizadas para o aprofundamento de estudos desenvolvidos em salas de aula, em Unidades de Conservação, ou em quaisquer outros momentos-lugares. Para um aproveitamento efetivo do material e de suas propostas, é recomendado o desprendimento de certos paradigmas formais e institucionais, para então, aderir às sugestões pedagógicas, pois as atividades têm um forte apelo de (re)encontro com os ambientes “naturais” externos e internos.

Terra, de vários chãos, de trocas, diversas, de mãos

A Proposta da Cartilha é que ela seja, simultaneamente, um objeto de aprendizagem de uso imediato e um ponto de partida de novas ideias para reciclagem de bons fazeres com perspectivas aprimoradas ou contextualizadas às realidades e a quem se destina. Assim caracteriza-se pelos aspectos de continuidade, de inacabamento, sem que por isso seja menos o que se propõe a ser: propositiva. Muito

pelo contrário, com isso a ideia é que o material vai deixando espaços que posicionam autores também em Lugares de Escuta, que é um princípio e denso fundamento de uma criação coletiva. Tanto os docentes da Educação formal, quando Educadores Ambientais e Arteducadores podem encontrar nesta cartilha, à sua disposição, ferramentas para um trabalho de dimensão transdisciplinar.

Partindo do desenvolvimento da pesquisa-ação (BARTHOLL, 2018; 2021) durante o mestrado profissional em Ecoturismo e Conservação, que resultou na dissertação “As Montanhas falaram alto, eu da escola, respondi: Uma Escrivência Geopoética para a Conservação da Natureza”, observa-se como um de seus desdobramentos a produção deste material. Resgatando experiências acumuladas da prática docente, as atividades foram aprimoradas e reunidas, a fim de compor os resultados deste trabalho. A Cartilha Naturezas Coletiváveis conduz à prática de como aplicar os recursos pedagógicos disponíveis, as teorias educacionais acessadas, o uso livre do imaginário fértil, com o fruir de um olhar sensível para a Natureza, sob a ótica de uma imensa e rica sala de aula, para encontros mais plenos de produção de conhecimento, partilha de saberes e aprendizados. Há a disponibilização de atividades concretas, criadas para serem usadas e adaptadas com liberdade para proponentes e interlocutores. Todas elas selecionadas e reunidas, com intuito de promover caminhos de imersão dos estudantes e participantes nos ambientes naturais externos, para visualizarem e criticarem fenômenos no momento e lugar em que acontecem, e assim poderem compreender e aderir à uma perspectiva de Conservação da Natureza partindo do seu conhecimento e apreço por ela.

Ao apresentar cada atividade, a seguir, espera-se contribuir com hipóteses de adequação, reformulação, e ainda, sugerir que se despertem ideias outras a partir delas. Que no uso destas atividades, nelas se assumam o caráter já explícito de inacabamento e de fluxo de continuidade, também de coparticipação e de recriação colaborativa. Os títulos atribuídos a cada proposta de atividade tentam traduzir os seus objetivos, antecipando algumas reflexões, provocando o despertar das possibilidades inventivas de quem as lê e opera.

Nos Ventos vêm, pólens, futuros, sementes e jovens

Para criar este material partimos da Pedagogia das Encruzilhadas, proposta por Rufino (2019) com intenção de pôr de frente referenciais teóricos, empíricos, artísticos e memórias de campo, ou seja, diversos processos pedagógicos próprios do educador-educando, com afetividades ambientais (GIRALDO; TORO, 2021) múltiplas e complexas. Assim, referenciais de origens diversas se entrecruzam no texto, no fazer e nos registros do fazer buscando aproximar o material, enquanto produto técnico-científico de realidades que nem a técnica e, por muitas vezes, nem a ciência, contemplam em seus (d)escritos.

Este trabalho demonstra o trânsito da abordagem Geopoética, da vida e da vivência sutil e inteligente com e na Natureza, para a prática profissional docente, através de práticas pedagógicas que inspiram um novo modo de habitar o mundo (BOUVET, 2012) e ocupar espaços territoriais, a fim de ser neles e aprender com eles. Sempre desse modo recíproco, onde já não se entende mais partes que se juntam, e sim, um ser no outro ser. “Eu sou um corpo, um ser / um corpo só / Tem cor, tem corte / e a história do meu lugar, ô¹”. (Luedji Luna - Um corpo no mundo). A simbiose vai sendo estabelecida segundo a curiosidade e a vontade de saber escutar e aprender. Tecendo-se uma trama de leitura da Natureza e construção de memórias, num processo de composição e trocas, conduzindo informações como espaço, tempo e movimento (HAMDAN, 2009) ao longo da jornada, e que foram se transformando em investigações e aprendizados corpóreos-territoriais (HAESBAERT, 2020) e, deles, em práxis pedagógicas ambientais.

A sugestão de público ideal para a realização das propostas de atividades da Cartilha “Naturezas Coletiváveis” são as crianças e jovens estudantes. É nessa parcela social que se concentram os esforços de atuação que sustentam o objetivo existencial deste trabalho. E ainda, o protagonismo infanto-juvenil se empodera quando “a solução do problema passa por produzir novas epistemologias baseadas

¹Um corpo no mundo. Luedji Luna. Um corpo no mundo, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/peEe9nU0P4Q>

na localização dos sujeitos produtores de conhecimento” (XAVIER, 2018).

Num futuro próximo, essas crianças estudantes ocuparão as vagas das universidades, as posições sociais formadoras de opinião, serão influenciadores locais e globais, hábeis em incomodar o “sono dos injustos”, como diz Conceição Evaristo (2007, p. 21). E, continuando com a autora, tais novos sujeitos nesses lugares provocarão a emergência de “agendas de pesquisas inovadoras” para que, com e através delas construam a democratização do que temos como “ser acadêmico” neste país. Desse modo, colaborando para afastar das crianças o fantasma do “silêncio instituído para quem foi subalternizado” (RIBEIRO, 2017).

No contexto do trabalho em pares, cabe ressaltar que são esperados o uso e a renovação dessa Cartilha por parte de companheiros e companheiras colegas de docência, para que possam se incluir no texto quando “a minha trajetória pessoal vaza pela escrita”² (Evaristo, série Ecos da Palavra, Episódio 5), e aqui, se reconhecendo também nessas palavras, se identifiquem em semelhanças com o fazer pedagógico, “de forma que minha fala se (con)funda à de quem fala comigo” (EVARISTO, 2017), ou mesmo se inspirando em realizar algo novo a partir das provocações estimuladas nesta Coletânea.

Autoria compartilhada: ciranda de saberes, práticas e muitas gentes

“...Quem divide o que tem é que vive pra sempre / E a gente humildemente lembra no refrão / Assim, ó / Quem tem um amigo tem tudo!”³

Quem teve a oportunidade de participar como aprendente nessa ciranda geopoética, pode reconhecer, na sonoridade e movimentos de autoria coletiva, muitos fios e cores de uma pesquisa em ação: o trabalho (docente, no caso) como princípio educativo dos-pelos humanos, a importância do exercício-desafio da transdisciplinaridade no (re)conhecimento de complexidade da Natureza, da educação, da vida, onde “tudo é Natureza. O Cosmo é Natureza” (KRENAK, 2020); a valorização dos discentes como sujeitos na construção-criação de saberes e práticas, a superação da educação “bancária” (a que se referia Paulo Freire, na crítica à mera transmissão de informações); o processo participativo, processual e qualitativo no planejamento, realização e avaliação das atividades; os deslocamentos ensinantes, lembrando das aulas-passeio, com a “finalidade de observar o ambiente natural e humano” proposto por Celèstin Freinet nas palavras de Louis Legrand, atendendo à “necessidade imperiosa, física e psicológica, de sair da sala de aula em busca da vida existente no entorno mais próximo” (LEGRAND, 2010), os vários espaços do conhecer, a contribuição ao desemparedamento da escola, dos professores e estudantes.

Como na Ciranda de Lia de Itamaracá, a cartilha quer mostrar que “esta ciranda não é minha só, ela é de todos nós”⁴. Esta ciranda traz uma saudação ao Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação da UNIRIO e à Universidade Pública em geral como espaços de não dicotomia de práticas e autorias, de percepção da omnilateralidade no conceito de trabalho e vivência da profissionalidade, no exercício de uma práxis florescente de esperanças.

²Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GXGojPDNmDM&list=PLXQR8WiX4jkJ7-WFgmmwtOEJR3NRWUYCs&index=6>

³Quem tem um amigo tem tudo. Emerica. Amarelo, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/hxsWMIVPdWg>

⁴Minha Ciranda. Lia de Itamaracá. Disponível em: <https://youtu.be/Srl2DaTrnsQ>

Referências Bibliográficas

- BARTHOLL, Timo. Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Consequência, 2018.
- BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética?. Interfaces Brasil/Canadá, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Pallas Editora, 2017.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1985. 9ª Edição.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIRALDO, Omar Felipe; TORO, Ingrid. Afectividad ambiental: sensibilidad, empatía, estéticas del habitar. El Colegio de la Frontera Sur, 2021.
- HAESBAERT, Rogério. Território(s) numa perspectiva latino-americana. Journal of Latin American Geography, v. 19, n. 1, p. 141-151, 2020.
- HAMDAN, Camila. Ecologia Cíbrida: arte, tecnologia e sistemas vivos. SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL, v. 2, 2009.
- KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. Companhia das letras. 2020.
- LEGRAND, Louis. Célestin Freinet. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- MENÉNDEZ, Inés Gómez. Experimentar-se Natureza Proposta de Práticas para o encontro. 141 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Ecoturismo e Conservação, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- NOVOS BAIANOS. Mistério do Planeta. Rio de Janeiro: Som Livre, 1972.
- PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geotales: narrando as histórias petrificadas pela Terra. Revista Sentidos da Cultura, v. 5, n. 8, p. 34-48, 2018.
- REIS, Camila Tomaz.; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Resistência Cunhambebe: da colonização ao apagamento histórico In: I Congresso Científico Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? – Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p.; (Feminismos Plurais).
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. Revista Exitus, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019.
- WHITE, Kenneth. O grande campo da geopoética. 2014. Disponível em: <http://institutgeopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>. Acesso em: 6 ago. 2021.
- XAVIER, Giovana. Ciência, lugar de fala e mulheres negras na academia. Nexo Jornal. Edição 21 de Agosto de 2018. Sociedade. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colonistas/2018/Ci%C3%Aancia-lugar-de-fala-e-mulheres-negras-na-academia>. Acesso em: 8 set 2021.

NATUREZAS COLETIVÁVEIS: PRÁTIS PEDAGÓGICAS GEOPOÉTICAS PARA A CONSERVAÇÃO D'UM NÓS

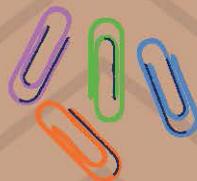


LEONARDO RAMOS CRUZ
PAMMELLA CASIMIRO DE SOUZA
CAMILA REIS TOMAZ
MARIA LUCIA CUNHA LOPES DE OLIVEIRA
LUIZA CORRAL MARTINS DE OLIVEIRA PONCIANO

NATUREZAS COLETIVÁVEIS

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO
- PPGEC/UNIRIO**

**GRUPO DE ESTUDOS SABERES DE
FRESTA - GESF / UNIRIO**



**LEONARDO RAMOS CRUZ
PAMMELLA CASIMIRO DE SOUZA
CAMILA REIS TOMAZ
MARIA LUCIA CUNHA LOPES DE OLIVEIRA
LUIZA CORRAL MARTINS DE OLIVEIRA PONCIANO**



Grupo de Estudos
Saberes de Fresta



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Introdução

A aproximação de áreas de conhecimento cria pontos de contatos muitas vezes inesperados ou imprevisíveis. Tais cruzamentos vão parecendo muito mais comuns na medida em que, ao longo do tempo, vão revelando múltiplas congruências entre os saberes. Uma aproximação como tal, produtiva, é apresentada neste trabalho, trazendo uma

proposta de dedicar um olhar diferenciado para o ambiente natural, enquanto um rico espaço de elaboração e

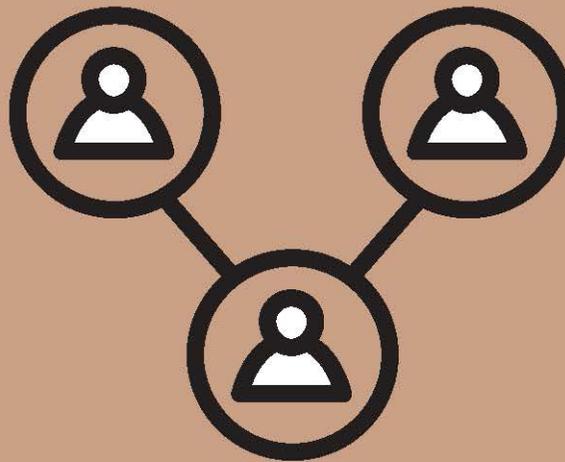
execução de atividades pedagógicas, num contexto educacional, em prol da formação de consciência para a Conservação da Geodiversidade e da Biodiversidade.



A Natureza se apresenta como ambiente espacial potencialmente privilegiado à formação e a Educação, o ambiente é educador por essência, com suas vozes, seus sons, melodias e seus silêncios, suas cores, formas e sombras, com precisões e incertezas, comunica constantemente a Vida pulsante, distante ou ali presente. Este cenário sendo usado como fruição em aulas, encontros educativos, encontros intencionais ou despretensiosos, pode agregar riqueza de valor inestimável aos resultados referentes à aprendizagem.



Boa parte do aproveitamento das conexões entre saberes cabe à iniciativa do docente em se antecipar na leitura dos cruzamentos explícitos que se apresentam, e também incentivar os atravessamentos não tão evidentes e não comuns, mas que podem ser amplamente explorados.



Atividade 1 - Panorâmica

Temática:

Possíveis análises ambientais e sociais, a partir do registro fotográfico de uma paisagem. Dessa forma é possível fazer conexões imediatas com as áreas de conhecimento, descritas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC para os anos iniciais do Ensino Fundamental em Geografia, Artes Visuais, Ciências da Natureza, entre outras.



Temos a Fotografia como exemplo de linguagem a ser experimentada no seu desenvolvimento, que é de estimular as habilidades de observação crítica dos alunos a partir da leitura do mundo ao seu redor.

- A atuação dos estudantes pode ser:
- individual
 - coletiva
 - progressiva (individual, duplas, trios até que se formem organicamente grupos)



Trata-se de levar os estudantes para uma região externa à escola, fazer uma foto, imprimi-la, analisar os elementos e situações capturados nela e exibir numa exposição oferecida a toda comunidade escolar.



Numa ida antecipada ao Ponto de Observação, o(a) docente identifica os melhores ângulos, iluminação, visibilidade, amplitude e alcance da vista, segurança e conforto, elementos permanentes (comércio, geodiversidade, etc...) e transitórios (obras, etc...)



Sugere-se a escolha intencional de um local que provoque a contemplação de diversos elementos da Natureza (terrenos, como as montanhas, e extraterrenos, como o Sol e as estrelas), elementos urbanos, personagens bióticos e abióticos. O lugar poderá ser classificado como Ponto de Observação, e a partir dele, orienta-se os estudantes como registrar a foto. Lá, todos podem escolher ou (re)conhecer seu Ponto de Observação, um enquadramento e registrar sua foto. Quanto mais diversificados os pontos de vista, melhor e mais rico será o resultado global do trabalho.

Feitos os registros, todos retornam para a sala de aula como laboratório de trabalho científico.

As imagens podem ser fixadas no centro de uma cartolina ou outra folha grande de papel.

Cada discente pode iniciar a análise do seu registro individualmente e anotar suas percepções conforme as provocações do professor, que os incentivará a identificar, criticar e inferir sobre possíveis distúrbios, desconformidades, disfunções, injustiças, anormalidades, excessos, carências, além também de fluidez, organização, potenciais do lugar, criando hipóteses de futuro para essa paisagem.



Atividade 2 - Exposição Meu Lugar

Proposta:

Proporcionar possibilidades de contação da história do lugar em que se vive, cruzada com a história de vida particular e familiar, através de uma série de fotografias dispostas em linha do tempo. Isso os fez perceber que uns se reconhecem na história do outro através de trechos ou elementos comuns, logo quando falam de si tocam a história dos colegas, enquanto os colegas também os mencionam.

Principais áreas de conhecimento:



Quando se trabalham acontecimentos históricos, é importante relacionar quantitativamente o tempo decorrido, com outros marcadores temporais, como as idades e datas marcantes, daí se desdobram algumas referências matemáticas

Sugestões Artísticas



Fotografias



Pinturas



Painéis Artísticos

A composição do trabalho visa promover aos estudantes, e a todos os visitantes, a oportunidade de contar e assistir a sua própria história e a história do seu lugar de vida, pelas suas próprias palavras, com sua voz e pela sua ótica, buscando possíveis contrastes com a história dita oficial e estabelecida.

Exemplo de materiais de produção



Como estamos falando de contar suas histórias, o ponto de partida é a individualidade de cada um, por isso sugere-se que se desenvolva a atividade de forma individual.

FASE INICIAL:

Cada um precisará consultar seu núcleo familiar e coletar informações sobre a sua história de vida desde antes do nascimento até o momento atual. Fazer anotações dos momentos principais em tópicos e pedir informações sobre a evolução do lugar em que vivem, citando construções de edificações, reformas de praças, ruas, etc. Usar essas anotações para ajudar a escolher as fotografias que serão expostas. Escolher as imagens com o consentimento da família.

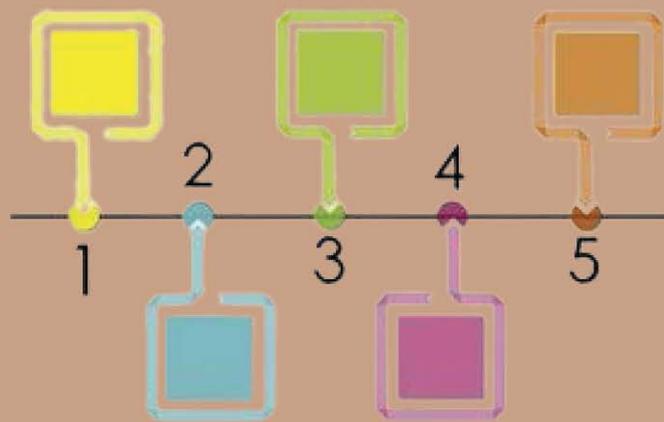
FASE INTERMEDIÁRIA

Consiste em organizar os registros em ordem cronológica e montar o esboço do projeto de exposição. Além disso, criar os textos de legenda narrativa que serão escritos no entorno das imagens e o texto de apoio no caderno para explicação aos visitantes.

FASE FINAL

Montar as versões definitivas de suas obras. Cada um/uma estando livre para personalizar seu trabalho, irá fixar as fotografias na cartolina devidamente ornamentada e com bordas, escrever as legendas definidas para cada imagem, escrever os textos complementares no entorno, desenhar e/ou pintar elementos que ajudem a contar as histórias pessoais e do lugar. Fixar a cartolina depois de pronta com fita adesiva num expositor que pode ser apropriado ou improvisado com mesas escolares sobrepostas. Providenciar uma lista de presença, convidar a comunidade escolar e iniciar a visitação fazendo as devidas explicações na medida em que cada visitante se aproxima.

A atividade resulta em cada estudante montar a **linha do tempo** de sua vida com cerca de cinco a oito **fotografias**, em que nelas estejam **registrados**: o lugar com variações de cenas, a casa, o estudante e a família. Assim então, **produzir a sua narrativa de história pessoal, coletiva** e da evolução do cenário enquanto espaço físico.





Sempre aproveitar para explorar a criatividade dos estudantes motivando-os a desenhar, pintar elementos enriquecedores da narrativa. Incentivar a livre oralidade sobre si mesmos criando ambientes de debate e contação dessas histórias em dias anteriores ao da exposição. Para muito além das áreas diretamente envolvidas, ajudá-los a enxergar as conexões menos visíveis, porém tão quanto importantes: matemática ao comparar as diferenças de idade entre os entes familiares e anos de nascimento, ano de inauguração de certas obras, ano em que houve mudança de casa, quantidade de casas e/ou habitantes da rua ou bairro. Ciências: Crescimento ou diminuição populacional? Coincide com melhorias ou piora dos serviços e da qualidade de vida? Reflete na saúde coletiva e aparecimento de doenças? O ambiente, a Natureza local, está mais conservada ou menos conservada? É possível identificar a origem étnica da família? E a origem geográfica? Há um episódio de êxodo (migração interna ou imigração) na família? E da maioria do bairro?

Atividade 3 - Áreas e perímetros reais

TEMA:

Converge para o aprendizado, aperfeiçoamento de cálculo e aplicação dos conhecimentos de área e perímetro, utilizando uma planta geográfica da região interna ou externa da instituição escolar ou outros terrenos próximos com construção, que sejam apropriados. Neste contato com o espaço geográfico natural ou urbano, é enriquecedor incorporar elementos e situações incidentais para compor outras provocações de aprendizado. As áreas de conhecimento envolvidas nessa dinâmica são Matemática, Desenho, Educação Física, Artes Plásticas, e Informática, sempre podendo acionar outras. Como expressão artística, as habilidades com o Desenho e com o Artesanato serão úteis e fundamentais, pois a beleza do trabalho em equipe entre estudantes está na percepção de que um não tem todas as aptidões, logo sempre vão necessitar uns dos outros.



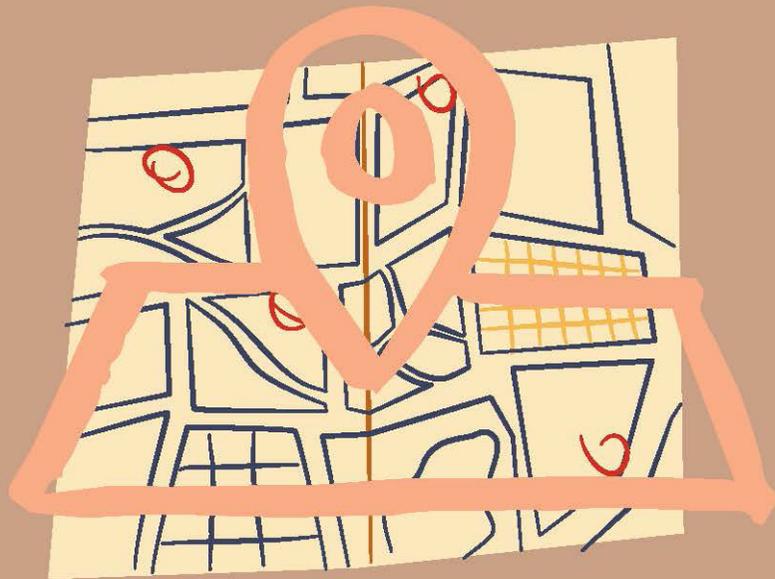
Objetivo

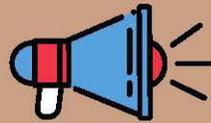
Experienciar uma atividade laboratorial de engenharia com noções básicas de levantamento topográfico e mapeamento cartográfico, fazendo-os se sentir profissionais por um dia; desenvolver as habilidades de trabalho em equipe e diálogo; e aperfeiçoar os conteúdos das disciplinas do currículo escolar.

Para isso...

Os estudantes precisarão atuar coletivamente, com equipes de cinco membros com funções específicas. Sendo 1 para ser Medidor de distâncias; 1 para ser o Medidor de ângulos; 2 para operarem com o instrumento de suporte de medição com o transferidor; e 1 para ser o Anotador/calculador/desenhista. Além disso, devem lançar mão, sempre que possível, de materiais ou elementos semelhantes que vão proporcionar a melhor produção e aproveitamento da atividade.

A atividade pode ser descrita como um mapeamento da área da instituição escolar ou uma região interna ou externa, a partir do muro ou do calçamento periférico do terreno. Fazendo o percurso de caminhada da região escolhida, os estudantes serão capazes de calcular aproximadamente o perímetro, a angulação dos vértices e a área total do terreno ou muro. Depois, com tais dados, farão um esboço do terreno e poderão compará-lo com a imagem real do mesmo, projetada na sala de aula a partir de site de geolocalização.





Se antecipar, para conquistar!

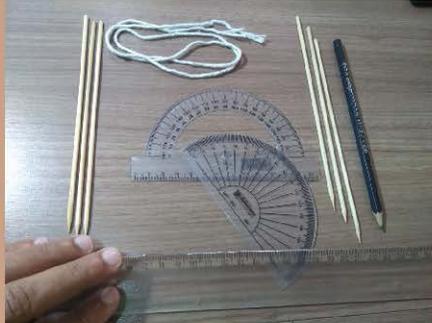
Antecipadamente, a proposta carece que algumas ações sejam realizadas, tais como: a confecção do instrumento de suporte para medição com o transferidor (instruções serão apresentadas ao final); a escolha do terreno ou muro a ser estudado (em polígono fechado); e a preparação e teste dos equipamentos de Informática na sala de aula.

O docente determina o local de início das medições, que será um dos vértices do polígono do terreno ou muro. Ali começam e terminam as medições. As equipes se organizam em uma ordem para que uma comece após a outra, com intervalo adequado para não se encontrarem no percurso.



Exemplo

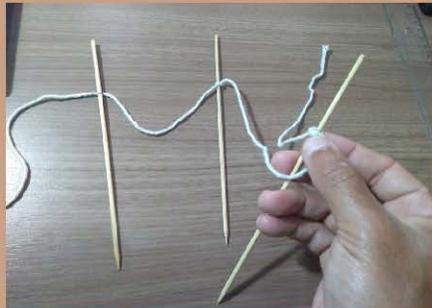
A primeira equipe se posiciona no primeiro vértice que se chamará “ponto A” e assim sucessivamente. O Anotador sinaliza o ponto A no papel; o Medidor de distâncias irá considerar cada passo largo valendo 1 metro, e dará passos iguais até alcançar o “ponto B”. Chegando lá, informa ao Anotador tal valor, e este, esboça uma linha do “ponto A” ao “ponto B” e sinaliza no papel o valor da distância em metros. Antes do Medidor de distâncias partir para o “ponto C”, os dois Operadores de suporte vão atuar para descobrirem o ângulo formado entre os trechos A-B e B-C (instruções ao final). De posse do valor do ângulo em graus (Ex.: 125°), o Medidor de ângulos informa ao Anotador, que por sua vez esboça no papel uma linha do “ponto B” ao “ponto C” com a angulação aproximada, mas com o valor precisamente anotado. Desse modo seguirá o trabalho da equipe até chegarem de volta ao “ponto A”, sempre medindo e anotando as distâncias entre os pontos e medindo e anotando os ângulos encontrados nos vértices.



Passo 1



Passo 2



Passo 3



Passo 4



Ao identificar as aproximações, semelhanças e diferenças entre as equipes, aproveitando para abrir a discussão sobre: onde houve falhas? Quais foram as maiores dificuldades? O que foi fácil de aprender e memorizar? Em que se poderiam aplicar esse procedimento? Comentar sobre a importância da Engenharia, da Arquitetura, da Cartografia, da Geolocalização e da atuação direta no trabalho de campo. Salientar que os cálculos de área e de perímetro são necessários constantemente para realizar obras, projetos de reflorestamento, pavimentações, decorações, planejamento de atividades esportivas, e muitas outras realizações. As equipes podem também experimentar partirem de pontos diferentes e se deslocarem no mesmo sentido, até cada uma chegar ao seu ponto de partida.

Atividade 4 - Canto Coral

Proposta:

Atividade de reflexão acerca do conteúdo das letras das músicas, costurados com debates realizados sobre o tema das datas comemorativo-celebrativas durante o ano letivo, e com abordagens temáticas que cruzam com o conteúdo apresentado. Essa estratégia pedagógica se conecta facilmente com diversas áreas do conhecimento devido ao caráter transdisciplinar das Artes, especialmente aqui na Música, mas também no canto, como articulação respiratória que envolve todo o corpo na produção da emissão da voz cantada, ainda a articulação da fala na dicção plena de sílabas. Por isso, entre outros saberes, a proposta aponta para a Língua Portuguesa, Artes, Língua Estrangeira, Educação Física e Fonoaudiologia.

Cantar por Cantar

Esta atividade preza por oferecer aos estudantes a oportunidade de cantarem conscientemente sabendo sobre o que estão dizendo, e porque estão dizendo. Inferir sobre o texto e sobre o contexto da obra antes de executá-la. Expressar-se livremente em posicionamento de concordância ou discordância sobre o tema. Encontrar no ritmo, na harmonia, na melodia e na letra, conexões entre a realidade atual e o fato celebrado no calendário ou na temática tratada. Sempre numa ação coletiva, o canto coral se servirá da composição das vozes de todos os participantes, um aparelho que reproduza músicas para o treino, papel com a letra das músicas para acompanhamento e aprendizado, pode-se usar uma lousa, e se houver e for oportuno, instrumentos musicais.

Trabalhar o Canto Coral enquanto esta atividade educativa, consiste em ler e debater letras de músicas nacionais e internacionais, ensaiar em arranjo de coral e cantar as músicas em apresentação para a comunidade escolar, celebrando datas comumente destacadas no calendário civil, sempre cruzando ou confrontando os temas das datas com a intencionalidade das letras das canções. Seja um conteúdo poético ou de protesto, o resultado é sempre de uma transferência de energia, acumulada nos debates, para as vozes, num exemplo singular de militância pela arte.



O que fazer?

Distribuir a letra impressa em papel para terem consigo e treinarem em casa, assim como disponibilizar o link para consulta da música na internet. Sempre que debater ou ensaiar em sala, projetar ou escrever a letra na lousa para o acompanhamento de todos. Ao ensaiar, fazer os devidos alongamentos corporais, aquecimentos vocais, manter-se de pé durante o canto e desaquecer antes de finalizar o treino.

Logo que o grupo estiver pronto para apresentações, informar a que for de direito quanto à programação das atividades pedagógicas, que estão à disposição, e oferecer o resultado à toda comunidade escolar.



Atividade 5 - Produção coletiva de livro artesanal

Os estudantes são encorajados a se reunirem para uma criação editorial coletiva de um livro contendo suas próprias produções inéditas. Através das articulações oferecidas pela Língua Portuguesa, pelas Artes e outras áreas, eles podem se expressar por meio da Literatura, do Desenho, Pintura, Gravura, do Artesanato e do que mais encontrarem como caminhos de comunicação que se sintam seguros, à vontade e incluídos.

afinal, o que é essa atividade?

A partir de um tema despertado (voluntário ou proposto) se produzem poemas em verso ou prosa, poesia concreta, desenhos, charges, quadrinhos curtos, pequenos contos, etc. As páginas produzidas em A4 são organizadas, numeradas, furadas para encadernação com barbante pintado. A capa e contracapa de papelão pintado ou encapado, e com ilustração e título feitos a mão.

Objetivos desejados

Estimular os estudantes a produzirem diversos tipos de textos artísticos literários, seguindo suas regras de construção, porém sem abandonar a liberdade de uma escrita fluida, autoral; oportunizar a experiência de criarem um produto concreto final (livro artesanal coletivo) com a coleção de suas escritas.



Como se consegue fazer isso?

O grupo formado por docentes e estudantes decide qual será o tema central da publicação e, após isso, sugerem subtemas como desdobramentos.

Através de sorteio, ou como pensarem ser melhor, distribuem-se os tipos de textos literários que vão compor o livro, como exemplos: poesias em verso ou prosa, poesia concreta, desenhos, charges, tirinhas, quadrinhos curtos, pequenos contos, etc. Enquanto as produções escritas estão acontecendo, deve-se motivar o uso da imaginação e da criatividade, a exploração das cores, o despertar de ideias para uma ilustração que represente o texto. Alguns colegas mais hábeis em desenho livre e artístico poderão ajudar a ilustrar cada obra.

Como se consegue fazer isso?

Simultaneamente, uma pequena equipe de até três membros trabalhará na estrutura física do livro, com a produção da capa, contra capa, brochura, furação e ilustração da capa. O corte do molde da capa e da contra capa deverá ser levemente maior do que o tamanho A4. Os furos na capa e contra capa precisam ser precisamente alinhados aos das folhas contendo as obras literárias. Um membro dessa equipe receberá as obras prontas, organizará numericamente, criará um sumário e deixará o volume pronto para furação e encadernação. Riscando gizes de cera de diversas cores em feixes de barbante, se produz os elementos de amarras, que atravessarão os furos para encadernar as folhas nas capas. Depois de pronto, o livro artesanal

Como se consegue fazer isso?

A equipe também poderá investigar através de pesquisa na internet, se há alguma data comemorativa próxima, onde o tema esteja ligado à Literatura e fazer a devida menção no trabalho. Uma produção desse tipo pode ser base para a criação do mesmo conteúdo numa plataforma digital, com animações, áudios e vídeos, em parceria com a área de Informática Educativa. Os estudantes podem ser encorajados a manterem uma permanência de produção literária com temas diversos, livres e direcionados, para criarem seus portfólios pessoais, assim poderão ter repertório para futuras ofertas.

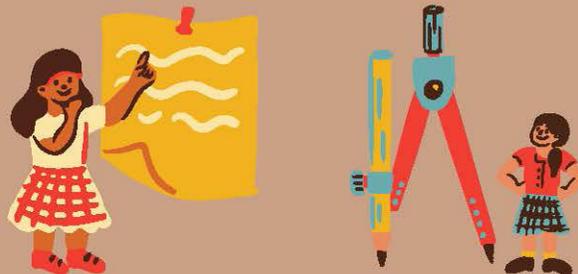


Atividade 6 - Moléculas móveis

Pensando numa forma criativa de tratar a consolidação dos estudos sobre a composição do ar atmosférico, características e proporções, esta atividade foi concebida. A ideia partiu da fala de uma aluna, quando disse: “bom era se a gente pudesse ver essas moléculas”. A resposta foi: “mas, podemos sim, daremos um jeito.” A partir daí, se explorou tudo o que foi possível do conteúdo, dito obrigatório, para a etapa de ensino em que se encontravam, especialmente em Ciências da Natureza. Cumprido o protocolo, aplicou-se o tempo e as habilidades de Artes para construir a Instalação com móveis de moléculas que “dançavam” pelo ar da sala de aula.

Objetivos da atividade

Materializar o conhecimento produzido nas Ciências da Natureza em um objeto concreto de aprendizagem, além de criar um material visível cuja contemplação remeta ao tema abordado no aprendizado. A visualização da Instalação por outros estudantes lhes dá a confiança de que também podem fazer algo parecido ou igualmente surpreendente. Para isso, são necessários os seguintes materiais: rolo de fio de nylon fino e rolo de fio de nylon mais grosso; bolinhas de isopor de tamanhos 50mm e de 80mm de diâmetro; metade de uma folha de isopor de espessura 30mm; tintas e pincéis; palitos de dente; cola de isopor.



Pra começar....

É preciso, consultar em pesquisa nos livros ou na internet, a estrutura molecular dos principais gases presentes na atmosfera; anotar as cores padronizadas pela Ciência dos elementos químicos que compõem cada molécula desses gases; separar as cores das tintas necessárias e pintar as bolinhas; organizar as bolinhas de isopor pintadas, montando as moléculas conforme os modelos pesquisados, e para isso usam-se palitos de dente entre as bolinhas, simbolizando as ligações químicas entre os elementos químicos; é bom reforçar as conexões com cola de isopor; assim que um bom número de moléculas estiver pronto, esticam-se três ou quatro pedaços grandes de fio de nylon mais grosso, na parte alta da parede, em direções diferentes e se cruzando; penduram-se as moléculas utilizando-se pedaços de variados tamanhos do fio de nylon mais fino; manter certa distância entre as moléculas para o vento não embolar. Convidar a comunidade escolar e outros públicos para visitar o local da instalação.

Percuso...

Nesta proposta toda a turma participa como uma grande equipe de produção cooperativa, e após pesquisas e debates sobre o ar e seus gases componentes, a respiração humana, dos animais e dos vegetais, sobre características e curiosidades diversas acerca dos gases do ar atmosférico e seus percentuais, constroem-se uma rede de móveis com fios de nylon e bolinhas de isopor em tamanhos diferentes e cores correspondentes aos componentes dos gases, além de quantidades relativas às suas proporções.





A instalação suspensa poder ficar em exposição permanente na sala de aula, ou em lugar adequado quanto à manutenção das peças, protegida de possíveis intempéries e visualização da comunidade. É importante explorar os percentuais e proporções dos principais gases presentes no ar atmosférico. Pode ser interessante explorar os seres vivos que dependem de cada um dos diferentes gases e os seres ou elementos naturais que colaboram com a produção deles. Relacionar os tamanhos diferentes das moléculas com alturas e distâncias também diferentes, com o mesmo fenômeno óptico que ocorre com a disposição das estrelas no espaço sideral. Correlacionar a composição do ar por diversas substâncias representadas por diferentes moléculas, com outras tantas substâncias ao redor e acessíveis no cotidiano, que pois não se podem ver as moléculas, mas que também podem ser representadas científica e artisticamente.

Conclusão

É compreensível que se julguem tais processos e argumentos demasiadamente sofisticados para ações com crianças e mais adequados às idades mais avançadas, porém pela experiência adquirida em aplicações destas e de outras atividades similares, observa-se o êxito, ainda que haja alguma necessidade de ajuste de linguagem ou abordagem. Essas propostas estão carregadas de transdisciplinaridade, pois são um convite à percepção dos diversos fenômenos livres de rótulos dos conteúdos curriculares.



Conclusão

As reflexões conceituais e os apontamentos não ficam no campo das ideias, mas desembocam da teoria ao ato, e se solidificam em ações práticas aqui oferecidas na coleção de atividades. Todas foram experimentadas, são aplicáveis e adaptáveis, podendo ser reconfiguradas e inspiradoras para a criação de outras práticas. Podem ser inspiradoras de pessoas, para, a partir delas, se relacionarem de forma mais íntima com o planeta e refletir essa relação através de sua prática pedagógica em quaisquer espaços, lançando o convite aos pequenos, curiosos e sedentos estudantes.

